

UTILIZAÇÃO DO DFH NA AVALIAÇÃO DO AUTO-CONCEITO EM INDIVÍDUOS COM HIDROCEFALIA

**Ana Paula Clemente Baptista Silva 1; Katerina Lukasova 2; Orientador:
Profº Dr. Elizeu Coutinho de Macedo 3.**

- 1- Universidade Presbiteriana Mackenzie- Rua Itambé. Higienópolis- São Paulo- SP. E-mail: ana.andrea@uol.com.br
- 2- Universidade Presbiteriana Mackenzie- Rua Itambé- Higienópolis- São Paulo- SP.
- 3- Universidade Presbiteriana Mackenzie- Rua Itambé- Higienópolis- São Paulo- SP. E-mail: ecmacedo@mackenzie.com.br

Palavras chaves: DFH, Hidrocefalia, auto-conceito

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Resumo:

O desenho tem sido usado, como um valioso instrumento de diagnóstico no trabalho psicológico. O teste do desenho da figura humana (DFH), é um destes instrumentos utilizados para a avaliação do desenvolvimento normal, maturação no plano visuo-motor, conceitos de imagem corporal, de aspectos da estrutura e dinâmica da personalidade. Entretanto, no Brasil, não existem dados normativos para interpretação do DFH de pessoas que apresentam danos cerebrais. Algumas pessoas com estes danos podem desenvolver alterações físicas visualmente perceptíveis, como a macrocefalia que podem ter efeito sobre a auto-imagem destas pessoas. Dentre os vários tipos de macrocefalia, a Hidrocefalia apresenta uma incidência de 2,1 a 2,5 casos em cada 1000 nascimentos, sendo que estes números excluem os casos com manifestação no período pós-natal. O presente trabalho objetivou analisar os resultados do teste DFH aplicados em jovens com hidrocefalia. Tal teste foi escolhido pelo fato de crianças com hidrocefalia poderem apresentar macrocefalia e do teste se propor a analisar a auto-imagem corporal. O DFH foi aplicado em quatro sujeitos com hidrocefalia de sexo masculino, com idades entre 17 e 21 anos, sendo apenas dois alfabetizados. Foram analisados quatro aspectos do desenho relacionados com o auto-conceito: tamanho da figura humana, tamanho da cabeça, dominância ou centralização da figura em relação ao fundo e nível de elaboração. Os indivíduos alfabetizados desenharam uma figura maior, com melhor dominância e centralização em relação ao fundo e com uma melhor elaboração. Tais resultados não foram observados nos desenhos de não alfabetizados cujas figuras foram pequenas com partes corporais omitidas e de uma baixa elaboração, tais características são usualmente observadas em desenhos de pessoas com retardo mental. Com relação ao desenho da cabeça, foi observado que um dos jovens alfabetizados, fez uma cabeça significativamente maior do que o corpo, e o outro investiu em mais detalhes do que o resto do corpo. Assim, apenas os alfabetizados apresentaram produções que possibilitaram uma comparação entre a imagem corporal e a produção do desenho, tal comparação parece sugerir correlação entre as duas variáveis. Tais resultados são confirmados a partir dos dados de entrevistas destes dois jovens. Entretanto, o maior nível intelectual com a escolaridade parece ter sido determinante nos resultados obtidos. Demais critérios para avaliação do DFH, serão discutidos.

Introdução

O desenho é uma forma de comunicação e como a linguagem, tem seu conteúdo representativo e simbólico.

O desenho da figura humana (DFH) tem sido um dos instrumentos projetivos mais antigos, desenvolvidos já em 1951 pelo Goodenough para medir o nível de maturação e de inteligência. Posteriormente

foi revisado, expandido e começou a ser usado para outros fins, tais como a avaliação da personalidade, diagnóstico de problemas de aprendizagem e distúrbios emocionais.

Na avaliação por meio de desenho, de acordo com Van Kolck (1984), o significado psicológico do desenho da figura humana tem suas bases no conceito de imagem corporal que, por sua vez, torna-se veículo de expressão da personalidade. Segundo a autora, a imagem corporal é projetada no desenho da figura humana e, consequentemente, reflete o conceito de si mesmo, além de expressar diferentes representações do indivíduo.

Fisher e Cleveland (1958, in Van Kolck, 1984) definem imagem corporal como experiência psicológica que focaliza as atitudes e sentimentos do indivíduo para com o seu próprio corpo. Diz respeito às experiências subjetivas com o corpo e à maneira como foram organizadas tais experiências. Assim, o aspecto social na formação de imagem corporal se mostra evidente, uma vez que a experiência do corpo de sujeito se dá em relação à atitude do outro.

A imagem corporal, que a pessoa tem de si, influí em diversos aspectos de seu comportamento, por exemplo, quanto ao nível de aspiração, agressividade, afirmação pessoal e outros. Van Kolck, analisando as pesquisas sobre a catexia corporal, definida como o grau de satisfação ou insatisfação com as várias partes e processos do corpo e sentimentos da pessoa para com o seu corpo, apontou, que esta tem sido relacionada ao auto-conceito, ou seja, os sentimentos a respeito do corpo são proporcionais aos sentimentos sobre o eu.

De acordo com Lezak (1995) o auto-conceito é multi facetado, incluindo imagem física que se tem de si mesmo, a imagem que os outros tem do indivíduo e a imagem que a sociedade tem deste sujeito. Na maioria das culturas, a aparência física e a geral são questões de considerável interesse e podem ter uma decidida influência no conceito que o indivíduo faz de si próprio. Telford sugere que o efeito do físico de uma pessoa sobre o seu comportamento é mais indireto, através da avaliação social e da resposta do indivíduo ao seu julgamento cultural.

A projeção dos aspectos físicos no DFH tem sido relatada pelas diversas pesquisas desde os anos 50. Kotkov e Goodman (apud Hammer, 1991) investigaram a projeção da imagem corporal nos desenhos feitos pelas mulheres obesas. Os achados mostraram que em quase todos os casos seus desenhos eram mais largos do que os do grupo de controle.

Hidrocefalia, como uma patologia neurológica, freqüentemente se manifesta fisicamente através de aumento de caixa craniana. Isso se dá pela presença de uma quantidade anormal de líquido cefalorraquidiano intracraniano (LCR), devido a um desequilíbrio entre a produção e absorção de LCR. Neste contexto o aumento dos ventrículos, ocorre à custa do acúmulo do LCR, podendo aumentar a pressão craniana ocasionando macrocefalia, assim como também danos cerebrais e déficit cognitivo. O tratamento é cirúrgico, porém tal procedimento está quase restrito aos tumores; clínico, através da utilização da droga acetazolamina, inibidora da anidrase carbônica, ou a utilização de uma válvula, shunts, para o desvio do LCR.

Metodologia

Sujeitos

O teste foi realizado com quatro sujeitos de sexo masculino, com idade entre 17 e 21 anos. Todos os sujeitos foram diagnosticados com hidrocefalia na infância e posteriormente passaram pela, em média, uma cirurgia para a colocação da válvula. Atualmente todos estão com hidrocefalia controlada, sendo que continuam sob cuidado médico.

Dois sujeitos (para maior clareza denominados como grupo 1) foram diagnosticados com outras comorbidades. Um com tumor cerebral na parte dorsal, cuja retirada aconteceu antes da colocação da válvula, e outro com a paralisia cerebral. Os dois sujeitos não são alfabetizados e no teste Wais atingiram uma pontuação baixa, indicando o rebaixamento cognitivo.

Outros dois sujeitos (grupo 2) são alfabetizados, sendo um com 2º grau completo e outro no 1º colegial de escola de inclusão. O nível de inteligência obtido no teste Wais foi rebaixado nos dois casos.

Os sujeitos de grupo 2 apresentam macrocefalia, tendo aumento da caixa craneana leve, porém notável, o que não se encontra nos indivíduos de grupo 1.

Todos os sujeitos tinham condição motora para a execução do DFH.

A maioria dos sujeitos tinham uma cabeça relativamente normal, quando comparados com outros indivíduos com macrocefalia.

Procedimento

Os sujeitos foram testados individualmente pelos monitores devidamente treinados. Cada sujeito recebeu uma folha de papel em branco (A4), lápis e borracha, e foi instruído a desenhar uma figura humana.

Foi feita uma análise qualitativa dos aspectos do desenho relacionados com o auto conceito: tamanho da figura humana, tamanho da cabeça, dominância ou centralização da figura em relação ao fundo e nível de elaboração. Para sua interpretação foram utilizados os critérios de Van Kolck(1984)

Resultados

Na análise qualitativa foi observado que os desenhos dos sujeitos do grupo 1 possuem as mesmas características, são estas, figura media e pequena com partes corporais omitidas e com uma baixa elaboração. A cabeça não foi destacada em seu tamanho manteve-se somente levemente aumentada em comparação com o resto do corpo. Mostrou-se uma tendência de localizar a figura em quadrante esquerdo em relação ao fundo.

Os sujeitos de grupo 2 desenharam figuras maiores, com uma melhor dominância e centralização. Em relação à cabeça, esta foi desenhada por um sujeito significativamente maior em comparação com o resto do corpo e pelo outro sujeito levemente aumentada, porém foi mais investida em detalhes, comparando-a com o resto do corpo.

Discussão

Os resultados mostram que os indivíduos do grupo 1 apresentam uma imaturidade em relação a sua auto-percepção, introversão e predomínio da

afetividade. A auto-imagem não inclui sinais de doença ou aspecto físico relacionado a cabeça. Os desenhos elaborados têm aspectos parecidos com os desenhos de pessoas portadoras de deficiência mental (Hammer, 1991).

Já os sujeitos do grupo 2 são auto-dirigidos e ajustados, com sentimentos de expansão e agressão. A cabeça é parte corporal investida afetivamente apontando para aspirações ou frustrações intelectuais e fugas a fantasia.

Um aspecto a ser discutido é a discrepância nas elaborações entre o grupo 1 e 2. Levando-se em consideração que os sujeitos do grupo 2 são alfabetizados e os do grupo 1 não são oferece-se uma ligação da auto-imagem com duas variáveis; o nível intelectual e escolaridade, como meio de maturação cognitiva e social.

Ottenbacher (1981) relata que o tamanho da figura tem relação com o auto conceito, dizendo que os sujeitos com piores auto conceito tendiam a produzir desenhos menores. O que foi percebido nos indivíduos do grupo 1.

A interpretação do teste do desenho de uma pessoa está cheio de generalizações indiscriminadas, tais como: "cabeças desproporcionalmente grandes serão apresentadas, freqüentemente, por indivíduos que sofrem de doença cerebral orgânica". Todavia não se apresentam provas para tal afirmação. (Anastasi).

De acordo com Lezak (1995) o efeito da lesão cerebral pode influenciar na percepção do indivíduo sobre o mundo. Pode comprometer a facilidade e flexibilidade com qual ele seleciona, organiza e criticamente avalia sua própria condição mental e física. Assim o fato de sujeitos do grupo 1 apresentarem uma outra comorbidade, junto com a hidrocefalia, aumenta seu grau de deficiência, o que se também reflete na sua auto-imagem.

Outro aspecto a ser discutido é a utilização de base interpretativa do Van Kolck, cuja validação foi feita com sujeitos saudáveis, para os sujeitos com hidrocefalia. A inexistência dos trabalhos validativos em pacientes com lesão cerebral no Brasil denuncia um grande déficit no trabalho no trabalho neuropsicológico. Por outro lado os testes projetivos, como o DFH, não são de

comum uso para esse tipo de pacientes. De acordo com Lezak (1995), antes de fazer uma avaliação baseada nas hipóteses projetivas, terem que ser considerados aspectos perceptivos, motores e construcionais do indivíduo. O autor aponta algumas tendências nas respostas projetivas dos indivíduos com lesão cerebral. Entre elas são: a constrição - os desenhos reduzidos em tamanho, superelaborados e sem detalhes importantes; busca da estrutura - tendência de desenhar a figura na borda da folha ou próximo a outra figura desenhada previamente; fragmentação - a não percepção da totalidade de uma gestalt e simples agregação das partes; simplificação - figuras humanas esquematizadas. As tendências apontadas foram observadas nos desenhos do grupo 1. o que nos leva a pensar num desenvolvimento maior entre os indivíduos do grupo 2 que são alfabetizados. No grupo um apareceu a dificuldade dos indivíduos de controlar os aspectos intelectuais e os impulsos do corpo e também falta de confiança nos contatos sociais. Em todos os desenhos apareceu a necessidade de participação social, e nos desenhos do grupo um é expressada a falta de companhia afetiva.

Para finalizar levantaremos algumas perguntas que precisam ser futuramente investigadas:

- como a alfabetização interfere na formação da imagem corporal? Alfabetização é processo de introjeção de uma ordem temporal e espacial, que possibilita, da mesma forma como a linguagem, uma representação simbólica. Tal representação requer um certo grau de abstração, o que é também necessário para o desenho. É verificado neste trabalho que pode haver a relação entre a capacidade cognitiva, nível de elaboração e abstração na formação do auto conceito, visto a diferença encontrada entre os dois grupos.

- até que extensão a interação social participa da formação de auto-imagem? Os demais estudos de validação com DFH foram feitos com sujeitos ativamente incluídos na relação social, como crianças na escola ou adultos no trabalho. Porém os pacientes com lesão cerebral são freqüentemente excluídos desse convívio e seu meio social se resume à família. Visto que a constituição

do auto conceito e imagem corporal tem correlação com a atitude dos outros e com o relacionamento formado pelos indivíduos, será que estes sujeitos com certa dificuldade em se relacionar e seus déficits cognitivos percebem a si mesmos de forma real e consciente? Sendo que a imagem corporal é desenvolvida e assimilada durante a vida com as experiências corporais, emocionais, sociais, cognitivas e pelas possibilidades propiciadas graças ao processo de maturação neurofisiológica desde bem cedo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANASTASI, ANNE. Testes Psicológicos. E.P.U. 1975

CAMPOS, Dinorah Martins de Souza. O teste do desenho como instrumento de diagnóstico

da personalidade. 7^a ed. Ed Vozes. 1976

DIEMEN, Aron; LYPEL, Saul. Neurologia Infantil.

HAMMER, Emanuel F. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. Casa do Psicólogo.

1991.

KLEPSCH & LOGIE, Crianças desenham e comunicam, Artes Médicas, Porto Alegre 1984

LEZAK, Muriel Deutsch. Neuropsychological Assessment; 3^a edição. 1995

TELFORD, Charles W., SAWREY, James M., O indivíduo Excepcional. Zahar editores.

VAN KOLCK, Odette Lourenço. Testes projetivos gráficos. Vol.5. EPU.1984.